



Prova Escrita de História A

12.º Ano de Escolaridade

Prova 623/2.ª Fase

8 Páginas

Duração da Prova: 120 minutos. Tolerância: 30 minutos.

2013

Utilize apenas caneta ou esferográfica de tinta indelével, azul ou preta.

Não é permitido o uso de corretor. Em caso de engano, deve riscar de forma inequívoca aquilo que pretende que não seja classificado.

Escreva de forma legível a numeração dos grupos e dos itens, bem como as respetivas respostas. As respostas ilegíveis ou que não possam ser claramente identificadas são classificadas com zero pontos.

Para cada item, apresente apenas uma resposta. Se apresentar mais do que uma resposta a um mesmo item, apenas é classificada a resposta apresentada em primeiro lugar.

As cotações dos itens encontram-se no final do enunciado da prova.

GRUPO I

A RÚSSIA NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO XX: TRANSFORMAÇÕES POLÍTICAS, SOCIAIS E CULTURAIS

Este grupo baseia-se na análise dos seguintes documentos:

Doc. 1 – Discurso de Lenine (1918)

Doc. 2 – *Derrota os brancos com a cunha vermelha* – cartaz de Lazar Lissitzky (1919)

Documento 1

Discurso de Lenine (1918)

A República Soviética está cercada por inimigos. Mas ela vencerá os inimigos externos e internos. [...] Os inimigos externos da República Socialista Soviética da Rússia são o imperialismo anglo-francês e o imperialismo nipónico-americano, que atacam a pacífica Rússia de modo brutal [...]. Querem restaurar o poder dos latifundiários e dos capitalistas na Rússia [...].

Os operários de Petrogrado e de Moscovo levantam-se cada vez com maior unidade, [...] em massas cada vez maiores. Nisso reside a garantia da nossa vitória. Os abutres capitalistas, [...] ao lançarem-se na campanha contra a pacífica Rússia, contam ainda com a sua aliança com o inimigo interno do Poder Soviético. São os capitalistas, os latifundiários, os *kulaks*, [...] que odeiam o poder dos operários e dos camponeses [...].

Uma onda de insurreições *kulaks* atravessa a Rússia. [...] Estes bebedores de sangue lucraram com as necessidades do povo durante a guerra, acumularam milhares de rublos, elevando os preços dos cereais. [...] Ódio e desprezo pelos partidos que os defendem: os socialistas revolucionários de direita, os mencheviques e os atuais socialistas revolucionários de esquerda! Os operários devem esmagar com mão de ferro as insurreições dos *kulaks*.

Documento 2

Derrota os brancos com a cunha vermelha – cartaz de Lazar Lissitzky (1919)



Nota – O título da obra corresponde às palavras que constam do cartaz.

1. Identifique três das características do modernismo presentes no documento 2.
2. Explique, com base nos documentos 1 e 2, três das dificuldades vividas na Rússia após a Revolução de Outubro.

Identificação das fontes

Doc. 1 – In www.marxists.org (consultado em 30/10/2012) (adaptado)

Doc. 2 – In www.ibiblio.org (consultado em 30/10/2012) (adaptado)

GRUPO II

PORTUGAL: DOS ANOS 30 AO SOBRESSALTO DE 1958

Este grupo baseia-se na análise dos seguintes documentos:

Doc. 1 – Planta da Exposição do Mundo Português (1940)

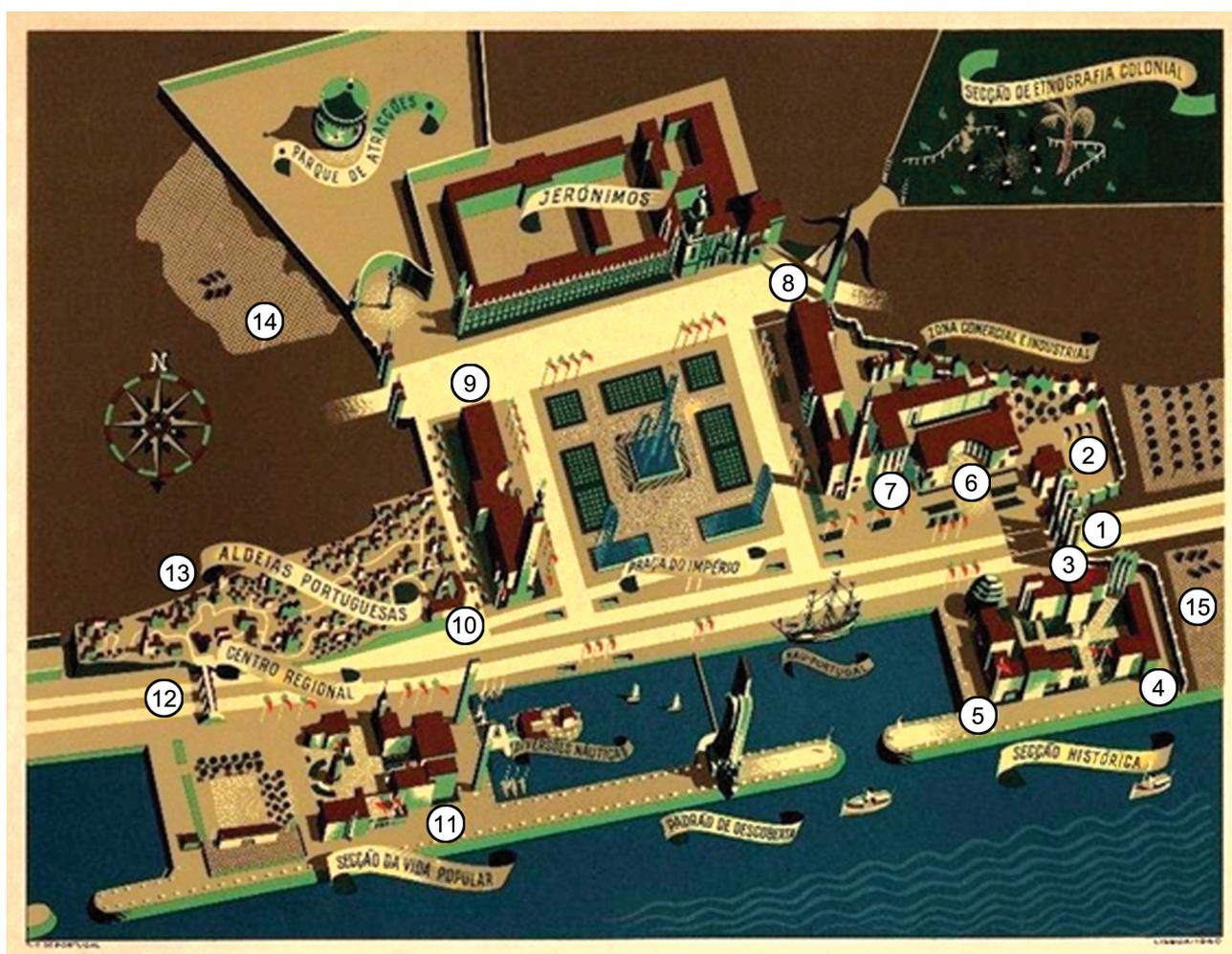
Doc. 2 – Portugal na assinatura do Pacto do Atlântico/OTAN/NATO (1949)

Doc. 3 – Eleição presidencial de 1958 e situação do país – perspetiva do escritor Aquilino Ribeiro (2 de junho de 1958)

Doc. 4 – Eleição presidencial de 1958 e situação do país – perspetiva do professor João Porto (2 de junho de 1958)

Documento 1

Planta da Exposição do Mundo Português (1940)



Legenda:

1 – Porta dos Cavaleiros; 2 – Pavilhão da Fundação; 3 – Pavilhão da Formação e Conquista; 4 – Pavilhão da Independência; 5 – Pavilhão dos Descobrimentos; 6 – Pavilhão da Colonização; 7 – Pavilhão das Associações Comerciais e Industriais; 8 – Pavilhão da Honra e de Lisboa; 9 – Pavilhão dos Portugueses no Mundo; 10 – Entrada da Secção de Etnografia Metropolitana; 11 – Pavilhão da Vida Popular; 12 – Porta da Restauração; 13 – Aldeias Portuguesas; 14 e 15 – Estacionamento.

Portugal na assinatura do Pacto do Atlântico / OTAN / NATO
(*Diário de Lisboa*, 1 de abril de 1949)

	<p>Declarações do Dr. Caeiro da Mata à sua chegada a Nova Iorque:</p> <p>NOVA IORQUE — O Dr. Caeiro da Mata, ministro dos Negócios Estrangeiros de Portugal, ao chegar, por avião, a esta cidade, ontem à noite, não satisfez a curiosidade dos jornalistas americanos, recusando-se a responder às suas perguntas, mas acedeu a fazer à Imprensa a seguinte declaração verbal: <i>«Com muito prazer venho pela primeira vez aos Estados Unidos, em virtude da assinatura do Pacto do Atlântico. O meu País apoia inteiramente este pacto e considerou sempre a ideia da sua colaboração com o maior prazer e compreensão, porque foi elaborado para garantir ao mundo a paz e a segurança.»</i></p>
---	---

Eleição presidencial de 1958 e situação do país – perspetiva do escritor Aquilino Ribeiro*
(entrevista ao *Diário de Lisboa*, 2 de junho de 1958)

O meu candidato e o da maioria dos republicanos é o general Humberto Delgado. Devemos-lhe ter galvanizado a Nação. [...] Soube conquistar a opinião pública. [...] Deitou o medo para trás das costas. [...]

Se, ao cabo de trinta e dois anos de poder absoluto, [o governo afirma que] há necessidade de continuar a revolução, [...] é porque não resultaram as políticas adotadas. Não houve, portanto, nenhuma revolução. Não se entrou numa era nova. O português continua infeliz como nunca. [...]

O que é preciso é apresentar obra, estradas, caminhos de ferro, equipamentos de toda a espécie dignos do nosso século, portos, moradias higiénicas para as classes menos privilegiadas. [...] Pelo ritmo do progresso só daqui a cem anos teria Portugal um nível de vida aceitável, uma indústria comezinha – sempre antiquada em relação à do resto da Europa –, as estradas que ambiciona, os hospitais em que coubessem os seus enfermos. [...]

Um regime que nos priva das liberdades fundamentais [...] pode equiparar-se a uma escola de vassalagem. [...] Em Portugal há muitos descontentes, muitos que têm fome, que choram [...]. Atendendo aos desejos manifestados pela opinião pública, alguma vez o Poder retificou os seus processos de governar? O Poder do Estado Novo é inalterável, como se tivesse recebido a onisciência de Deus. [...] Em geral é a atrofia ou o marasmo. [...] Se o Estado Novo inventou uma política maravilhosa com o seu corporativismo, com as suas leis restritivas, porque é que as nações não vêm aprender a governar-se neste eldorado de felicidade e de amor? Porque, pelo contrário, se riem de nós? [...]

A resposta implícita à interrogação de Oliveira Salazar: – «hei de entregar o Poder à rua?» é «não, senhor, devolve-o, como havendo cumprido a sua missão, a quem lho confiou: o exército». O exército depois dirá: é tempo de volver à constitucionalidade.

* Intelectual e escritor (1885-1963). Participou na criação da revista *Seara Nova*; tem uma obra literária variada e de intervenção política.

Documento 4

Eleição presidencial de 1958 e situação do país – perspetiva do professor João Porto* (entrevista ao *Diário de Lisboa*, 2 de junho de 1958)

No domínio da assistência médico-social, a nossa posição tem sempre vindo a melhorar, a partir dos primeiros anos da atual situação política, e não estamos longe de nos podermos comparar com os outros países da Europa. [...] No mês passado, um grupo de especialistas da Organização Mundial de Saúde veio a Portugal estudar a nossa orgânica de Saúde Pública e de Previdência Social. [...] Visitaram sanatórios, Casas da Criança, colónias de férias, postos das Caixas de Previdência, Casas do Povo e dos Pescadores, hospitais, etc., isto é, tudo o que pudesse contribuir para lhes dar ideia do rol de realizações de que Portugal hoje se orgulha, e de todos mereceu rasgados louvores. [...] No capítulo da previdência [...], percorreram diversos bairros destinados a classes menos favorecidas [...]. Se, para alguns, Portugal poderia ainda estar paredes meias com países subevoluídos, o certo é que se despediram levando consigo noção clara do que valem e possuímos no concerto das nações europeias. [...]

A multiplicidade dos partidos conduz à multiplicação de opiniões e de pareceres nos órgãos de soberania, à desorientação da opinião pública, ao enfraquecimento da autoridade e à instabilidade governamental. Ora, só a estabilidade governamental traz consigo o equilíbrio da ordem e a garantia da liberdade e da segurança social. E é sobre esta que assenta a tranquilidade dos espíritos e a prosperidade material [...].

O contra-almirante Américo Tomás [...] dá-nos a certeza de que possui todas as condições para, uma vez na suprema magistratura da Nação, ser o fiel garante da continuidade dum política económico-social e de fomento que, sob a égide de Salazar, nos deu já uma obra enorme e que é promissora de que a obra mais se engrandeça.

* Professor catedrático da Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra, diretor dos Hospitais da Universidade e deputado da Assembleia Nacional de 1953 a 1961.

1. Enuncie, a partir do documento 1, três dos objetivos da política cultural do Estado Novo.
2. Compare as duas perspetivas acerca da situação de Portugal no contexto da eleição presidencial de 1958, expressas nos documentos 3 e 4, quanto a três dos aspetos em que se opõem.
3. Desenvolva o seguinte tema:

O Estado Novo: das origens ao sobressalto de 1958.

A sua resposta deve abordar, pela ordem que entender, três dos aspetos de cada um dos seguintes tópicos de referência:

- características político-ideológicas do regime;
- sobrevivência do regime no segundo pós-guerra;
- impacto das eleições de 1958.

Deve integrar na resposta, além dos seus conhecimentos, os dados disponíveis nos documentos de 1 a 4.

Identificação das fontes

Doc. 1 – Joaquim Vieira, *Portugal Século XX – Crónica em Imagens – 1930-1940*, Lisboa, Círculo de Leitores, 1999

Doc. 2 – In *Diário de Lisboa*, 1 de abril de 1949, in www.fmsoares.pt (consultado em 06/11/2012) (adaptado)

Doc. 3 – In *Diário de Lisboa*, 2 de junho de 1958, in www.fmsoares.pt (consultado em 07/11/2012) (adaptado)

Doc. 4 – In *Diário de Lisboa*, 2 de junho de 1958, in www.fmsoares.pt (consultado em 07/11/2012) (adaptado)

GRUPO III

OS EUA E A REPÚBLICA POPULAR DA CHINA NO MUNDO ATUAL

Declarações do presidente Clinton* em Pequim (27 de junho de 1998)

1 Falo-vos hoje de Pequim. Em apenas dois dias, vi uma parte da riqueza histórica e das notáveis mudanças que estão a ocorrer na China, pátria de quase um quarto da população mundial.

5 A China é a civilização mais antiga da Terra. Na sexta-feira, vi a velha e a nova China, desde os magníficos guerreiros de terracota esculpidos por artesãos mais de 2000 anos antes da fundação da América, até ao início da democracia numa aldeia próxima, cujos residentes vão brevemente realizar eleições.

10 Emocionei-me com a calorosa recepção que me foi dispensada, assim como à minha família e aos membros do Congresso que viajam connosco. Dezenas de milhares de famílias chinesas alinharam-se nas ruas para nos cumprimentarem. Para todas estas pessoas, a China está a mudar. Vejo telemóveis, *beepers*, novos edifícios de escritórios.

15 A China já não é o país que era quando o presidente Nixon** aqui veio pela primeira vez, há 26 anos. Nunca antes tiveram tantos chineses a oportunidade de iniciarem negócios; de arrancarem as suas famílias à pobreza; de escolherem os locais para viver, trabalhar, viajar; de tirarem proveito dos frutos do seu trabalho. Mas também há resistência à mudança, um legado da História, que nem sempre tem sido bondosa para o povo chinês, o que deu origem a um profundo receio de instabilidade. Hoje, em Pequim, vou reunir-me com líderes chineses para falarmos sobre o futuro dos nossos dois países, e a relação entre nós é fundamental para a existência, no próximo século, de um mundo pacífico, estável e próspero. Falámos já sobre 20 os interesses mútuos dos Estados Unidos e da China: a promoção da paz na Coreia, onde 40 000 soldados norte-americanos ainda arriscam as suas vidas a patrulharem a última fronteira da Guerra Fria; a prevenção de uma corrida às armas nucleares por parte da Índia e do Paquistão; [...] a interrupção da expansão de armas nucleares, químicas e biológicas e dos respetivos mísseis de lançamento; o combate ao crime internacional [...] e a abertura do 25 comércio.

Também falámos abertamente sobre as nossas diferenças, especialmente no que diz respeito aos direitos humanos. No último ano, assistimos a algum progresso, ainda que largamente insuficiente, nesta área. Alguns dos mais famosos prisioneiros políticos da China foram libertados, mas outros ainda continuam privados de liberdade. O governo está a afrouxar 30 o seu controlo sobre muitos aspetos da vida quotidiana mas, ainda assim, as pessoas não têm total liberdade de reunião, liberdade de imprensa, liberdade de expressão, liberdade de religião [...].

35 No decurso desta viagem, darei relevo aos direitos humanos e tentarei explicar como a liberdade tem estado no centro do sucesso e da prosperidade norte-americanos. Argumentarei que, nesta era global de informação, em que o sucesso económico se constrói com base nas ideias, a liberdade individual é necessária à inovação e à criatividade, suportes da grandeza de qualquer nação moderna. [...]

40 A China, com a maior população do planeta, com um lugar permanente no Conselho de Segurança das Nações Unidas e com uma economia cada vez mais ligada à nossa, é importante para o nosso futuro. Sem a China será difícil enfrentar, com sucesso, os desafios que nos afetam a todos.

* Presidente dos EUA (1993-2001).

** Presidente dos EUA (1969-1974).

1. Explique, a partir do documento, três das características da economia chinesa que levaram o presidente Clinton a afirmar: «A China já não é o país que era quando o presidente Nixon aqui veio pela primeira vez» (linha 12).
2. Refira três das prioridades da política externa dos EUA enunciadas pelo presidente Clinton.

Identificação da fonte

In <http://beijing.usembassy-china.org.cn> (consultado em 5/11/2012) (adaptado)

FIM

COTAÇÕES

GRUPO I

1.	20 pontos	
2.	30 pontos	
		<hr/>
		50 pontos

GRUPO II

1.	20 pontos	
2.	30 pontos	
3.	50 pontos	
		<hr/>
		100 pontos

GRUPO III

1.	30 pontos	
2.	20 pontos	
		<hr/>
		50 pontos

		<hr/>	
TOTAL			200 pontos